

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DA CAMPANHA MERIDIONAL/RS: NOVAS CADEIAS PRODUTIVAS NA DINAMIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL

Ana Luiza Pinto Alves

Acadêmica do curso de Geografia Bacharelado/UFSM
analuzapintoalves@gmail.com

Meri Lourdes Bezzi

Profª Drª do Departamento de Geociências/UFSM
meribezi@yahoo.com.br

RESUMO

As transformações socioeconômicas que vêm ocorrendo no espaço rural são oriundas da dinamização através de novos atores econômicos que reestruturam a organização espacial. Nesse sentido, esta investigação tem como preocupação central analisar a organização espacial mediante a inserção gradual de novos atores econômicos, os quais modificam gradativamente a Microrregião Geográfica da Campanha Meridional (MRG 031), que tem sua gênese baseada na pecuária bovina. Metodologicamente, o artigo foi estruturado nas seguintes fases: revisão bibliográfica, coleta de dados em fontes primárias (secretarias de agricultura), secundárias (dados estatísticos do SIDRA/IBGE) e, por fim, o trabalho direcionou-se para a análise e interpretação dos resultados. Através da realização desta pesquisa, percebe-se que a economia da MRG 031 permanece vinculada à atividade agropecuária, mas tem se dinamizado através da inserção de novas cadeias produtivas (fruticultura e silvicultura) que surgem como alternativas, juntamente com a pecuária, o arroz e a soja, que buscam inserir tecnologias de produção, o que, conseqüentemente, possibilita o desenvolvimento das unidades territoriais, já que agrega capital e força de trabalho no recorte espacial em estudo.

Palavras-chave: Espaço rural. Novos atores econômicos. Desenvolvimento regional.

SPATIAL ORGANIZATION OF THE GEOGRAPHICAL MICROREGION SHOUTERN "CAMPANHA"/RS: NEW PRODUCTION CHAINS IN THE STIMULATION OF THE COUNTRYSIDE

ABSTRACT

The socioeconomic changes which have been happening in rural areas come from the stimulation through new economic actors that restructure the spatial organization. Thus, this research has as a central concern the analysis of the spatial organization front to the gradual insertion of these new economic actors, which partially modify gradually the Geographical Microregion of the Southern "Campanha" (MRG 031), which has its genesis based on bovine livestock. Methodologically, the article was structured into the following phases: literature review, data collection from primary sources (departments of agriculture), secondary sources (statistics from SIDRA/IBGE) and, finally, the work was redirected towards the analysis and interpretation of results. Through this research, it is noted that the MRG's 031 economy remains tied to the agricultural activity, but it has been boosted by the introduction of new production chains (horticulture and silviculture), which arise as alternatives, along with livestock, rice and soybean seeking to insert production technologies, which consequently enables the development of territorial units, since they aggregate capital and strength work in spatial area under study.

Keywords: Rural space. New economic actors. Regional development.

Recebido em 04/06/2013

Aprovado para publicação em 09/11/2013

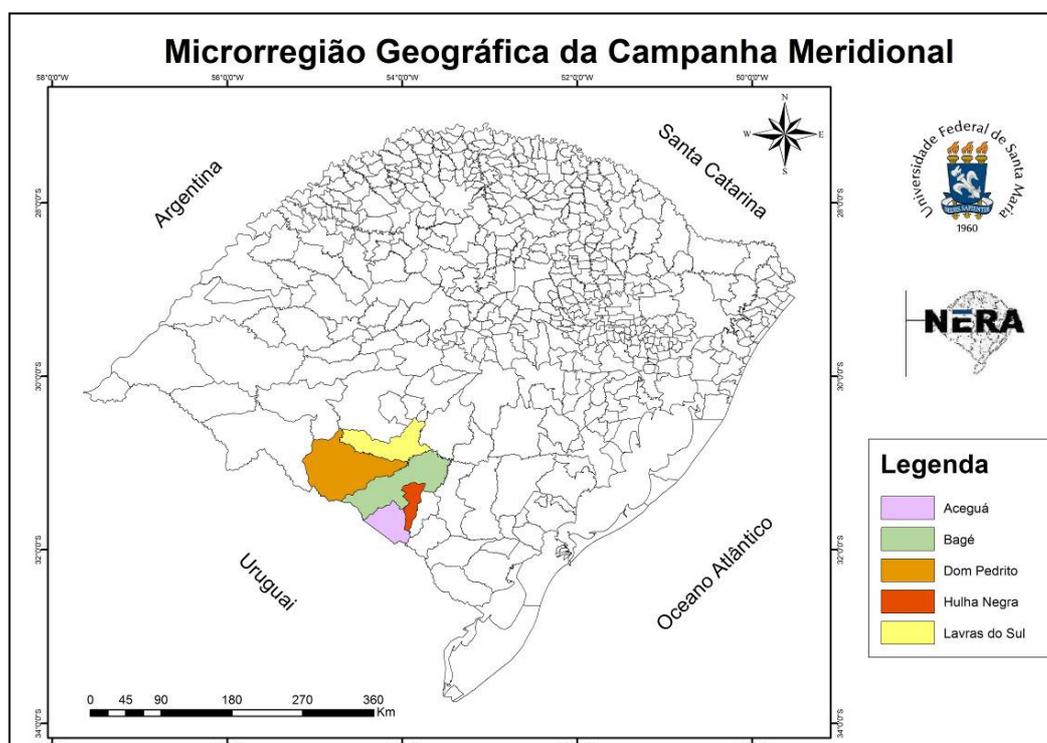
INTRODUÇÃO

O processo de ocupação do Estado do Rio Grande do Sul ocorreu de formas distintas, ou seja, as áreas de campos foram povoadas por luso-brasileiros, que introduziram a pecuária bovina, já as áreas de matas foram ocupadas, posteriormente, pelos imigrantes europeus em meados do século XIX, os quais transformaram a vegetação típica em áreas agrícolas de propriedades familiares. Esse processo acentuou-se devido à disputa de limites existentes entre Portugal e Espanha no território gaúcho, o que fortaleceu a concessão de sesmarias (vastas extensões de terras, concedidas pelo governo português, mediante solicitação dos interessados, geralmente nobres ou oficiais, desde que comprovassem ter condições de explorá-las. Essas são consideradas a origem dos latifúndios pecuaristas, ainda hoje existentes no Estado gaúcho). Desta forma, as sesmarias foram o instrumento utilizado pelo governo colonial para a vinculação dos povoadores a essa ampla faixa de terra de difícil domínio localizada no extremo sul do território brasileiro (PRADO, 1964).

Ressalta-se que, as grandes extensões de terras foram distribuídas desigualmente, ou seja, favoreceu a população de alta renda, o que contribuiu para o monopólio e concentração das mesmas, as quais viriam a se tornar umas das mais importantes estruturas fundiárias do Rio Grande do Sul, os latifúndios (RODRIGUES, 2006).

Na atualidade, a Microrregião Geográfica da Campanha Meridional (MRG 031) mantém sua identidade cultural, desenvolvendo atividades econômicas características do Estado gaúcho, baseada na pecuária bovina e caracterizada pela presença do gaúcho típico, o qual desenvolve predominantemente a atividade pecuarista. A partir de 1920, ocorreu a inserção da agricultura, através do arroz e, posteriormente, da soja (período pós-guerra), que permanecem como produtos estruturantes da economia desta MRG, formando, juntamente com a pecuária bovina, o trinômio pecuária-arroz-soja, mantendo o caráter concentrador da terra através das grandes propriedades rurais, (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de localização do recorte espacial em estudo – MRG 031 (IBGE)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2012.

O recorte espacial em estudo tem como características físicas o predomínio de coxilhas cobertas por vegetação rasteira e campos limpos. Esta vegetação representa a maior área contínua de campos do Brasil e se constitui em uma extensão de terras que abrange áreas de campos da

Argentina e do Uruguai, que juntos formam o bioma Pampa, proporcionando condições edáficas satisfatórias para o setor primário (BEZZI, M. L.; et al.).

A Microrregião Geográfica da Campanha Meridional encontra-se em uma área fronteiriça, limitando o Brasil com o Uruguai. Tal fato proporcionou uma assimilação cultural histórica da população local com o país vizinho, gerando um típico gênero de vida e a constituição do gaúcho típico. Assim, o regionalismo constitui-se em um elemento significativo e tem um papel diferenciador quando se compara a MRG 031 com as demais Microrregiões do Estado rio-grandense (BRUM NETO, 2007).

De acordo com o IBGE (2012), a Microrregião Geográfica da Campanha Meridional está inserida atualmente na Mesorregião Sudoeste Riograndense, compreendendo cinco unidades territoriais: Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul. Ressalta-se que os municípios de Aceguá e Hulha Negra desmembraram-se de Bagé, respectivamente nos anos de 1996 e 1990.

Destaca-se que os municípios integrantes desta Microrregião caracterizam-se por possuírem grandes extensões territoriais mantendo na sua estrutura fundiária a presença dos latifúndios, com o predomínio da pecuária e da lavoura comercial do arroz e da soja. Na atualidade, a estrutura fundiária apresenta reorganizações espaciais. Pode-se citar como exemplo a presença de assentamentos rurais e, conseqüentemente, de pequenas propriedades, alterando de forma pontual a estrutura fundiária secular, baseada nas grandes e médias propriedades. As pequenas unidades produtivas localizam-se nos municípios próximos às fronteiras, como Aceguá, Hulha Negra e Dom Pedrito (Quadro 1).

Quadro 1 - Estrutura Fundiária na MRG da Campanha Meridional

Estrutura Fundiária	Área (hectare)
Pequena Propriedade	< 200
Média Propriedade	201 - 800
Grande propriedade	> 801

Fonte: Trabalho de Campo, 2013.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a organização espacial da Microrregião da Campanha Meridional, bem como, a evolução de sua estrutura produtiva, identificando as potencialidades e/ou desequilíbrios socioeconômicos a serem explorados.

Neste sentido, a Microrregião em estudo apresenta dificuldades socioeconômicas, pois é considerada atrasada economicamente. Assim, o que instiga a pesquisa é o fato de esta Microrregião possuir grande expressividade cultural e econômica e, portanto, caracterizada pela diferenciação regional expressiva frente às demais microrregiões gaúchas.

Metodologicamente a pesquisa foi estruturada em etapas. Inicialmente revisitaram-se as matrizes teóricas, partindo de um amplo levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, permitindo a estruturação conceitual. A etapa seguinte foi o levantamento de dados em fontes secundárias utilizando-se o Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA/IBGE) dos anos 2001 e 2011, os quais permitiram conhecer a atual organização espacial da MRG e as transformações espaciais ocorridas nesta escala temporal. Posteriormente, realizou-se o trabalho de campo, o qual se consistiu em um levantamento fotográfico e em entrevistas nas secretarias de agricultura dos principais municípios integrantes da Microrregião em estudo. Por fim, a última etapa esteve relacionada com a análise e interpretação dos resultados.

EVOLUÇÃO E ESTRUTURA PRODUTIVA NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DA CAMPANHA MERIDIONAL: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender a atual organização socioespacial da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional, faz-se necessário o resgate histórico de como as atividades rurais foram inseridas, ou seja, como ocorreu, e a influência das mesmas na Microrregião em estudo. Para tanto, resgatou-se a evolução da organização socioeconômica da Campanha Meridional, buscando explicações através da cultura e verificando as mudanças e permanências que a MRG 031 apresentou no decorrer de sua história. Destaca-se que, em virtude das dinâmicas espaciais

ocorridas, novos atores econômicos foram sendo introduzidos gradativamente buscando viabilizar o desenvolvimento local/regional.

A pecuária bovina caracteriza-se como a primeira cadeia produtiva da Campanha Gaúcha, a qual tem suas origens nos aspectos históricos de ocupação e povoamento do Estado gaúcho, (Figura 2).

Figura 2 - Pecuária extensiva no Município de Bagé/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2012.

A atividade pastoril via estâncias garantiu a posse da terra através do rebanho bovino disperso nos campos deixado pelos padres jesuítas quando foram expulsos pelos portugueses. As potencialidades naturais forneceram condições para a expansão desta atividade, mediante estas circunstâncias, esta MRG representa uma das maiores parcelas do rebanho bovino do Estado, com grande expressividade nacional (BRUM NETO; BEZZI, 2009).

A pecuária na Campanha Gaúcha consolidou-se via latifúndios pastoris, na sua maior parte extensivos, os quais dinamizaram a MRG em análise. Esta cadeia produtiva possuiu três grandes ciclos: as couramas, as charqueadas e os frigoríficos. A courama pode ser identificada como o primeiro ciclo da pecuária, o qual se caracterizou por uma primitiva relação de trabalho e produção do setor primário do Estado, pois se assentava no apresamento primitivo do gado para a retirada do couro. Esse era enviado para o centro do país representando o principal produto da economia local (PESAVENTO, 1980).

O segundo ciclo, o das charqueadas, permitiu novas frentes e perspectivas econômicas para a atividade pecuarista tradicional, pois esta apresentava uma produção sistemática e significativa de charque, que visava abastecer os mercados interno e externo. A instalação da primeira charqueada no território gaúcho marcou a industrialização do charque e iniciou um processo de acumulação de capital. Assim, houve um crescente número de estabelecimentos fixados no Estado devido à distribuição das sesmarias e do prestígio da classe pecuarista na política regional atrelada à produção do charque na economia sulina. Este ciclo gerou riquezas e distinção de classes, devido à ascensão de grandes latifundiários na época. Nesse sentido, Viera; Rangel (1993, p.24) destacam que o ciclo das charqueadas demonstrou outra forma de organização do sistema produtivo, em que "... a produção de carne salgada adquiriu novas formas, criando um estabelecimento capaz de gerar riqueza, acumulação de capital, relações de trabalho diferenciadas, distinção de classes e opulência de poder...".

O terceiro ciclo da pecuária ocorreu a partir da Segunda Guerra Mundial e se estruturou com o surgimento dos frigoríficos, pois havia a necessidade de maior consumo de carne juntamente com o crescimento das áreas urbanas brasileiras, o que ocasionou uma modificação do ritmo de vida e de toda economia baseada na pecuária. O frigorífico causou transformações profundas nas estâncias, não apenas do ponto de vista técnico, como também na organização social (BEZZI; et al, 2006).

Através desses ciclos, a pecuária desenvolveu-se e consolidou-se como a principal atividade econômica, desde o início da sua ocupação até a atualidade, o que originou a tradição pastoril do Rio Grande do Sul. Atualmente, tem-se a pecuária extensiva dividindo espaço com a pecuária intensiva detentora de insumos e tecnologia que permitem melhorias do plantel bovino. Neste sentido, as cabanhas representam uma pecuária desenvolvida com alta tecnologia, manejo e técnicas avançadas, a qual visa tanto o mercado nacional como o internacional, (Tabela 1).

Tabela 1 - Efetivo de bovinos na MRG da Campanha Meridional

	ANO 2001	ANO 2011
	Efetivo (nº de cabeças)	Efetivo (nº de cabeças)
MRG Campanha Meridional	1.102.323	1.278.751
Aceguá	103.622	149.594
Bagé	300.751	335.932
Dom Pedrito	456.476	407.261
Hulha Negra	41.072	41.934
Lavras do Sul	200.402	344.030

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), 2012.

Pode-se afirmar que, a organização da atividade pecuarista esteve baseada nesses ciclos produtivos, os quais permitiram que a pecuária se desenvolvesse, consolidando-se como a principal atividade econômica. Salienta-se que novos frigoríficos estão sendo criados ou revitalizados, demonstrando a tradição pastoril dessa porção do espaço gaúcho, alimentando o agronegócio da pecuária, ou seja, a exportação da carne.

Ressalta-se que esta atividade econômica permanece na atualidade como a principal atividade do setor primário, pois a criação de gado, na Campanha Gaúcha, e em específico na Campanha Meridional, constitui-se em um dos seus alicerces econômicos. Tal fato justifica a relevância da pecuária, pois esta se mantém como uma importante atividade econômica em âmbito regional, mesmo diante das crises que esse segmento produtivo tem enfrentado no decorrer do tempo.

A Tabela 1 demonstra que a pecuária detém uma posição privilegiada no contexto econômico deste recorte espacial. Tal fato é percebido no incremento do número de cabeças em quase todas as unidades territoriais desta MRG. Destaca-se, no entanto, que apesar do crescente número de cabeças de gado inseridas na Microrregião, a pecuária bovina ainda é desenvolvida em grande parte de forma extensiva. O aumento que é observado na tabela 1 deve-se ao crescente grau de mecanização através da presença das cabanhas (estabelecimentos rurais onde se criam determinadas raças de animais com técnicas avançadas de melhoramento genético) e juntamente com os selos de qualidade da carne da Campanha, as quais são tidas como carnes nobres, o que aumenta seu preço para venda. Dom Pedrito foi o único município da MRG que apresentou diminuição no número de cabeças de gado entre 2001 e 2011, tal fato é justificado pelas cadeias produtivas do arroz e da soja, as quais dobraram sua produção no mesmo período, significando que houve uma substituição da pecuária bovina pelas lavouras empresariais, as quais vêm possibilitando grande rentabilidade aos produtores, uma vez que, o valor de mercado encontra-se em alta neste segmento.

Essa organização econômica originou na Campanha Gaúcha, uma sociedade dual, ou seja, se dividiu em duas classes sociais distintas: os pecuaristas, detentores do capital e da posse da terra, obtendo o poder político, e a dos agricultores, geralmente, arrendatários, desenvolvendo a agricultura principalmente do arroz e da soja. Paralelamente, também, coexiste neste espaço, trabalhadores ligados a prestação de serviços diversos para os estancieiros e os agricultores.

Paralelamente à atividade pecuarista, a partir de 1920, estrutura-se, nessa MRG, uma nova configuração espacial através da inserção da lavoura orizícola. Além da dicotomia produtiva (pecuária-arroz), tem-se uma sociedade dual, composta por pecuaristas e agricultores.

A cultura do arroz teve a sua inserção, a partir do século XX, marcada pelo processo de despecuarização espacial, ou seja, a cedência de terra por parte do latifúndio pastoril à

agricultura. Esta dinâmica só foi possível através da inserção da lavoura empresarial altamente mecanizada e competitiva no mercado interno e externo, imprescindível para que se viabilizasse seu desenvolvimento, uma vez que, na sua maioria, as lavouras são realizadas via arrendamento de terras da pecuária. Dessa forma, o arroz caracteriza-se como a primeira lavoura capitalista no Estado gaúcho, apresentando, no decorrer do tempo, crescimento expressivo tanto em área como em produtividade (BEZZI; et al, 2006).

Segundo Vieira; Rangel (1993) pode-se dizer que a rizicultura se desenvolveu no Estado mediante à presença de mercados favoráveis e de incentivos através de políticas governamentais. Essa atividade econômica era basicamente voltada para o mercado interno, pois, ao contrário dos demais estados brasileiros, o Rio Grande do Sul inseriu-se no cenário econômico nacional através da produção de alimentos. Essa atividade teve impulso através do crescimento do mercado consumidor de alimentos nos centros urbanos e pelo desenvolvimento de uma política tarifária sobre as importações do arroz estrangeiro, estabelecendo uma proteção econômica à rizicultura gaúcha.

Na região da Campanha Gaúcha, observa-se um alto grau de mecanização na produção orizícola, uma vez que os produtores não economizam nas práticas que fornecem resultados satisfatórios a fim de obter elevados índices de produtividade, sendo que estes variam de acordo com as condições naturais da MRG. A expansão da lavoura orizícola esteve alicerçada no crescente incentivo dado a essa atividade por órgãos como: INCRA, EMATER, EMBRAPA e o próprio Governo do Estado, através das Secretarias Municipais de Agricultura. Ressalta-se que a estrutura fundiária não se alterou, pois as lavouras de arroz desenvolveram-se nas grandes e médias propriedades, via arrendamento, o que demonstra o caráter concentrador da posse da terra ligada ao pecuarista, (Figura 3).

Figura 3 - Plantação de arroz no Município de Dom Pedrito



Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Pode-se dizer então, que o desenvolvimento da lavoura orizícola não encontrou resistência, por parte dos grandes proprietários, pelo contrário, o arrendamento da terra tornava seus campos produtivos e rentáveis, uma vez que o lucro advinha do arrendamento das mesmas, independentemente de fatores físico-naturais, como estiagens, enchentes, entre outros fenômenos que podem comprometer sua renda (BECKER; WITTMANN, 2003).

A cadeia produtiva do arroz sofreu algumas crises, principalmente ligadas à questão de financiamento, das potencialidades naturais e da concorrência com a importação do arroz, principalmente da Argentina.

A área produtiva destinada a essa lavoura apresentou crescimento no decorrer da escala temporal analisada nesta pesquisa. Essa expansão gradativa deve-se aos investimentos em

tecnologias, os quais visam aumentar o rendimento médio do arroz, buscando proporcionar melhores resultados a cada safra e, conseqüentemente, o lucro com a produção.

A extensão e a dinâmica espacial da Campanha Meridional demonstram uma diversidade econômica que ora originam setores econômicos, ora apenas agregam atividades complementares e mesmo temporárias. Portanto, a busca da compreensão da organização de seu espaço produtivo deve considerar todas as atividades que se desenvolvem sobre a sua base espacial, a fim de se obter a dimensão e a complexidade dessa estrutura no que diz respeito aos aspectos físicos, socioeconômicos e culturais do Estado gaúcho (Tabela 2).

Tabela 2 - Lavoura temporária de Arroz

	ANO 2001		ANO 2011	
	Quantidade produzida (kg)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (kg)	Área plantada (ha)
MRG Campanha Meridional	431.366	67.470	677.136	79.561
Aceguá	38.928	8.000	94.430	11.223
Bagé	72.000	12.000	113.580	13.111
Dom Pedrito	297.044	43.000	438.115	50.585
Hulha Negra	16.500	3.000	12.185	1.542
Lavras do Sul	6.894	1.470	18.826	3.100

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), 2012.

Atrelada às transformações que marcaram o cenário nacional, momento pós-guerra, a partir da década de 70/80, pode-se dizer que a presença significativa da lavoura de soja, nessa porção do território rio-grandense, foi responsável por novos arranjos produtivos no setor primário. Esses são decorrentes da dinâmica socioeconômica sobre o espaço e também para atender as demandas de mercado mediante o processo de modernização da agricultura. Assim, a inserção da cultura da soja, com características de lavoura empresarial desenvolvida mediante políticas de financiamento, reorganizou novamente a matriz produtiva dessa MRG. Sua expansão foi bastante significativa em área plantada. Entretanto, observou-se uma retração dessa cultura a partir da década de 90, a qual retorna a crescer na atualidade através da soja transgênica, (Tabela 3).

Tabela 3 - Lavoura temporária de Soja

	ANO 2001		ANO 2011	
	Quantidade produzida (kg)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (kg)	Área plantada (ha)
MRG Campanha Meridional	16.068	9.400	72.674	39.100
Aceguá	126	100	12.000	5.000
Bagé	882	700	10.650	6.000
Dom Pedrito	14.400	8.000	32.520	20.000
Hulha Negra	*NC	*NC	2.976	1.600
Lavras do Sul	660	600	14.528	6.500

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), 2012.

*NC: não constam dados.

As extensas áreas disponíveis, que caracterizam os latifúndios da Campanha Meridional, demonstraram-se favoráveis à incorporação, via arrendamento, da cultura da soja. Essa expansão ocorreu de forma mais significativa em alguns municípios, nos quais as

potencialidades naturais permitiram a introdução dessa cultura via tecnologia, inserindo-se na tradicional matriz produtiva da pecuária e do arroz (Figura 4).

Figura 4 - Lavoura de Soja em Bagé/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2012.

A viabilidade de políticas de créditos e financiamentos foi um dos fatores relevantes para a expansão da agricultura empresarial em áreas tradicionais da pecuária. Essas foram direcionadas ao setor primário através de órgãos de fomento, via políticas públicas, estabelecidas pelo governo Estadual e Federal. A lavoura de soja e a do arroz mantêm a concentração da terra na Campanha Gaúcha, pois sua inserção viabilizou-se através do arrendamento.

A área plantada de soja encontra-se em expansão em todas as unidades territoriais da Campanha Meridional. Desse modo, pode-se dizer que em alguns municípios, como Hulha Negra e Lavras do Sul, está ocorrendo uma superação espacial das lavouras de soja em detrimento das orízicolas, ocasionando transformações significativas no seu espaço produtivo e, conseqüentemente, na matriz tradicional, pautada no binômio pecuária bovina-arroz.

Dessa forma, a soja coexiste com a matriz produtiva tradicional, constituindo-se em uma atividade dinamizadora da economia das unidades territoriais pertencentes à MRG 031. Os novos arranjos espaciais demonstram a dinâmica do espaço, via transição geoeconômica entre as Microrregiões produtivas do Rio Grande do Sul. Portanto, a construção do espaço segue uma lógica que não permite cortes bruscos, demonstrando a efetiva integração entre as partes que compõe o todo.

Na estruturação do espaço produtivo da Campanha Meridional, o qual está alicerçado em cadeias produtivas tradicionais e mais recentemente, na soja, novos investimentos estão sendo realizados visando à dinamização desse espaço produtivo. Nesse sentido, destaca-se a fruticultura como uma alternativa produtiva e de geração de renda, que se encontra em expansão gradativa. Tal atividade está baseada, principalmente, na produção da uva (vinífera) e de cítricos, como a laranja e a bergamota. A cadeia produtiva das oliveiras tem recebido incentivos governamentais visando sua expansão no recorte espacial em análise.

No que diz respeito à produção de uva, ela se faz presente em todos os municípios pertencentes na MRG em estudo, destacando-se Bagé, Dom Pedrito e Hulha Negra. Inicialmente, a expansão da uva ocorreu de forma independente, no entanto, houve a necessidade de expansão da produção da uva da Serra Gaúcha, no espaço rural da Campanha Gaúcha. Na atualidade, citam-se como exemplos, as vinícolas Salton e Miolo. No entanto, a expansão vinícola também está ocorrendo em escala local, através da Vinícola Peruzzo. Ressalta-se que se mantido o atual crescimento, estas unidades territoriais poderão se consolidar como um polo de produção voltado para a fabricação de vinhos, sucos e para o consumo *in natura*.

Essa tendência à vitivinicultura acompanha o processo de expansão da produção da uva, tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros estados brasileiros. Há que se considerar também que a presença da vitivinicultura, em áreas de pecuária tradicional, demonstra a inserção de um cultivo “sem a tradição colonial”, diferentemente como a que ocorreu na Serra Gaúcha. A produção nessas novas áreas ocorre mediante o uso de tecnologias avançadas, manejo e matéria-prima, buscando reestruturar o perfil de produção dessa MRG. Assim, são desenvolvidas novas estratégias econômicas em busca de alternativas de desenvolvimento em uma Microrregião com desigualdades e desequilíbrios populacionais decorrentes de potencialidades naturais restritivas.

Desta forma, esse investimento é resultante da união de forças do poder público com a iniciativa privada, e também através da expansão da produção da Serra Gaúcha, com o intuito de dinamizar a Metade Sul do Estado. Através da expansão da produção vinícola da Serra Gaúcha, a fruticultura foi viabilizada, também, devido aos recursos financeiros disponibilizados através do Programa Estadual de Fruticultura (PROFRUTA/RS), o qual visa incentivar o desenvolvimento da fruticultura no Estado, diversificando a produção econômica. Tem-se como uma das metas do PROFRUTA reverter o processo de importação de frutas, principalmente cítricos e a recuperação produtiva através de novos polos, com destaque a Metade Sul do Estado.

Os projetos de incentivo à fruticultura na Metade Sul do Estado podem ser considerados como alternativas para o desenvolvimento local/regional. Ressalta-se que a fruticultura é desenvolvida em médias e grandes unidades produtivas e de forma pontual, o que representa uma possibilidade e/ou alternativa para o desenvolvimento econômico local/regional. Portanto, a vitivinicultura não concorre com as áreas de lavoura e pecuária tradicional, uma vez que, são realizadas de forma consorciada. Destaca-se que os pequenos produtores não se propõem a desenvolver este tipo de atividade, já que possuem menores espaços para produção, não podendo colocar em risco partes de sua propriedade para uma cultura sem fins lucrativos garantidos. Desta forma, os pequenos produtores da Campanha Meridional desenvolvem atividades vinculadas aos hortigranjeiros e a pecuária (corte e leiteira).

Essa atividade gera renda e estimula emprego no campo, diversificando perspectivas para os trabalhadores rurais, na medida em que origina novas frentes de trabalho, além daquelas já existentes com o arroz, a soja e a pecuária. Procura, também, amenizar um dos problemas sociais expressivos dessa MRG que têm seus reflexos na minimização da migração rural-urbana, na medida em que oferece novas alternativas de renda ao produtor rural.

No entanto, para que esta cadeia se estruture e se dinamize é necessária a melhora na infraestrutura, pois um dos principais problemas relativos à fruticultura está na deficiência na malha viária, que é um fator essencial para o escoamento da produção. Para tanto, fazem-se necessários investimentos no setor de transportes, através da recuperação das estradas que interligam os municípios produtores aos centros de comercialização. Entretanto, apesar das dificuldades, a fruticultura já se constitui como uma realidade para a Campanha Meridional, proporcionando novas frentes de trabalho distintas daquelas oriundas de sua matriz tradicional. A presença da vitivinicultura transformou também a paisagem, pois além dos campos nativos, das lavouras de arroz e soja têm-se, na atualidade, os parreirais mostrando sua inserção em uma paisagem secular da pecuária, ou seja, velhas formas e novas funções (BEZZI, et al, 2006).

Além da fruticultura, novas atividades econômicas estão sendo, gradativamente, inseridas na Campanha Gaúcha, transformando a paisagem produtiva e as relações de trabalho local/regional. Nesse sentido, destaca-se o florestamento, o qual se configura como outra atividade que visa dinamizar as atividades econômicas existentes nessa MRG, uma vez que, se constitui em uma estratégia econômica que vem se consolidando através do plantio de *pinus*, eucaliptos e acácia negra, (Figura 5).

O plantio tem financiamento de grandes grupos ligados à produção de celulose, como Stora Enzo e Fibria (incorporação das ações da Aracruz Celulose pela Votorantim Celulose e Papel em 2009). Enfatiza-se que através de estudos realizados pela empresa Stora-Enso na América Latina, o Rio Grande do Sul apresentou as condições competitivas ideais como: área disponível, qualidade do solo, logística, disponibilidade de mão de obra e possibilidades para o plantio de eucaliptos e *pinus*, que originam, respectivamente, a celulose de fibra curta e longa.

Figura 5 - Silvicultura na Campanha Meridional – Bagé/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Os investimentos desses grupos ocorrem a partir da aquisição de extensas áreas, cedidas por arrendamento ou através de vendas oriundas dos latifúndios. Neste sentido, a concentração fundiária persiste nesta MRG, pois as extensas dimensões de terras concentravam-se apenas nas mãos de grandes latifundiários, na atualidade estão também sob o domínio de grandes grupos empresariais. Nenhuma das novas estratégias econômicas, nesse recorte espacial, ameaçou a concentração da terra, na medida em que coexistia a pecuária extensiva realizada em grandes propriedades com o arroz e a soja, ou a fruticultura em pequenas propriedades.

Entretanto, a iniciativa florestal tem despertado a reação da comunidade ambientalista, que adverte para os riscos ambientais que a plantação monocultora de pinus e eucaliptos podem trazer para a MRG. A advertência assenta-se no fato de que a plantação de espécies exóticas e de grande porte poderá ser responsável por prejuízos ambientais às reservas hídricas (problema que já existe há décadas na MRG 031, antes mesmo das primeiras plantações, em que o Município de Bagé é o mais problemático neste quesito, em que permaneceu vários meses com racionamento de água), ao solo, ao clima, à fauna e à flora. Tais advertências baseiam-se em discussões de cunho ecológico, que afirmam que o eucalipto necessita de água abundante para o seu desenvolvimento, além de bloquear o crescimento da vegetação rasteira nativa do Pampa (BEZZI et al, 2006).

O debate inclui também questões identitárias referentes à cultura gaúcha e a sua preservação na Campanha Gaúcha, considerada uma das microrregiões de preservação dos costumes e tradições rio-grandense.

Considerando as informações referentes a esta nova cadeia produtiva, pode-se destacar que o florestamento não pretende realizar a reconversão da Metade Sul em uma área de florestas, mas fornecer as propriedades rurais sistemas agrosilvopastoris. Além das áreas que foram adquiridas pelas empresas para o plantio de árvores voltadas à produção de celulose, há também proprietários rurais que destinaram parte de suas terras para esta atividade. Trata-se de uma alternativa para diversificar a produção e os rendimentos oriundos da propriedade rural, uma vez que o produto final tem a garantia de compra pelas empresas de celulose e papel.

Há que se destacar também a criação de áreas de preservação na Metade Sul. Essas consistem em espaços destinados ao plantio de espécies nativas em contrapartida às destinadas ao florestamento. No que diz respeito aos aspectos negativos e positivos em relação aos possíveis problemas ambientais decorrentes da silvicultura, se faz necessário um período de tempo maior para que se possa avaliar os impactos sociais, culturais e econômicos desta cadeia produtiva na MRG em estudo.

Neste contexto, pode-se dizer que o espaço produtivo deste recorte espacial tem passado por diversas transformações no que se refere à inserção de outras atividades, distintas da pecuária tradicional que caracteriza, ainda, essa MRG. Tal fato demonstra que a dinâmica do capital acarreta mudanças constantes na relação sociedade-natureza, mesmo em porções do espaço onde essa relação organizacional apresenta importante relação com a cultura e, conseqüentemente, distingue-se dos demais pela expressividade do regionalismo rio-grandense.

CONSIDERAÇÕES

Mediante a realização deste estudo, do trabalho de campo e através dos dados verificou-se que a Campanha Meridional tem sua economia baseada no setor agropecuário, o que demonstra a manutenção das atividades agropastoril, as quais são consideradas gênese da sua identidade cultura. Desse modo, este recorte espacial apresenta uma realidade local alicerçada no setor primário, o qual necessita de maiores incentivos, a fim de dinamizar e desenvolver a economia local/regional.

Salienta-se que a pecuária ainda apresenta-se de forma extensiva, ou seja, a mesma estrutura latifundiária que originou a cultura gaúcha, apesar de estar expandindo sua produção mediante novas tecnologias e melhoramentos genéticos. Neste contexto, verifica-se que as condições de vida da população local resultam da concentração de terra nas mãos de grandes latifundiários, onde a mesma não possui grande produtividade, restando à sociedade dedicar-se ao setor terciário e, até mesmo, migrarem para outras regiões do Rio Grande do Sul, para outros Estados, ou então, ofertando parte de suas terras para a agricultura através do arrendamento ou da venda.

De acordo com as entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, pode-se constatar que a Campanha Meridional enfrenta o desafio de atrair e reter empreendimentos. Em razão da gravidade, diversidade e complexidade dos problemas enfrentados é importante observar que a reversão da atual situação depende de um conjunto de ações interdependentes. Neste sentido, aponta-se que inicialmente, é necessária a melhoria do setor primário, o qual, pode ser obtido através de incentivos governamentais e empresariais aos produtores da Microrregião para aumentar a criação de gado intensivo e com melhorias genéticas, a fim de maximizar a mesma, otimizando a produção da carne bovina, almejando o mercado externo. Para tanto, há a necessidade de melhorar a inspeção sanitária, por parte do Estado, a fim de competir com outros mercados, principalmente o internacional, uma vez que faz fronteira com o Uruguai e está próxima a Argentina, e estes possuem mercados bastante desenvolvidos neste setor, o que torna a competitividade maior.

Destaca-se que a estrutura fundiária deste recorte espacial permanece, ainda, baseada em grandes propriedades, como resquícios do passado estancieiro e charqueador, embora as pressões exercidas pelos movimentos sociais de luta pela terra pressionem esta concentração fundiária secular.

As políticas de incentivo também deverão ocorrer nas lavouras comerciais do arroz, o qual possui elevado índice de especialização na produção de grãos. A indústria de beneficiamento merece atenção pela sua dependência de fatores naturais, pois, se estes não forem favoráveis, poderá acarretar problemas e comprometer o desenvolvimento local/regional.

A presença de novas cadeias produtivas como a da fruticultura deverá ser incentivada, contribuindo para o incremento local/regional e abertura de frentes de trabalho. Ressalta-se que a fruticultura está associada às cadeias produtivas mais tradicionais (pecuária e arroz), uma vez que, não altera o caráter concentrador da terra, pois se desenvolve em pequenas unidades produtivas.

No que se refere ao florestamento, esta atividade econômica caracteriza-se pelo investimento de grandes grupos ligados à produção de celulose, Stora-Enso e Fibria, os quais alicerçam sua produção no plantio de pinus e eucalipto em grandes áreas.

Como a economia desta Microrregião está concentrada no setor primário, é neste setor que as políticas públicas deverão ser estimuladas visando seu desenvolvimento. Assim, cabe aos governantes locais/estaduais, a função de trazer novas indústrias para instalar-se na Mesorregião Sudoeste Rio-grandense e, conseqüentemente, na Microrregião Geográfica da Campanha Meridional através da redução de impostos e incentivos fiscais, fornecendo a

infraestrutura necessária para o crescimento deste setor, aumentando o número de empregos locais, minimizando as desigualdades sociais locais/regionais.

Sugere-se também a instalação de indústrias nos ramos de frigoríficos, vinícolas e indústrias de suco e derivados, a fim de aproveitar a matéria-prima presente, visando desenvolver esta MRG. Pode-se assim, fabricar produtos de diversos ramos, utilizando a mão de obra local agregando valor às unidades produtivas.

Para tanto, sistematizou-se e disponibilizaram-se essas informações para os órgãos gestores com intuito de fornecer subsídios para esse recorte regional gaúcho, juntamente com seus administradores para que os mesmos tenham acesso ao conhecimento da realidade local, ou seja, os principais entraves para o seu desenvolvimento. Acredita-se que de posse dessas informações possam ser direcionadas ações para o desenvolvimento sustentável que venha minimizar os desequilíbrios econômicos e sociais deste recorte espacial.

Desta forma, pode-se analisar como a organização espacial da Campanha Meridional está estruturada, identificando os principais setores econômicos e entraves ao desenvolvimento regional. Buscou-se contribuir com estudos de Geografia Regional, enfatizando a temática do desenvolvimento local/regional como caminho para amenizar as deficiências socioeconômicas da Campanha Meridional.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **ProFruta/RS**. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/area/profruta.php>. Acesso em: 03 fev. 2012.

BECKER, D. F.; WITTMANN, M. L. **Desenvolvimento Regional**: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BEZZI, M. L. São Borja – **Transformações no espaço agropecuário**: o processo de despecuarização. 1985. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”, UNESP, Rio Claro, 1985.

_____; et al. **RS**: uma proposta de regionalização considerando os aspectos geoeconômicos. Relatório Técnico. (PROADE 2/FAPERGS). Universidade Federal de Santa Maria, 2006. (Inédito).

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais**: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 2007. 323 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

_____; BEZZI, M. L. Região, identidade cultural e regionalismo: a Campanha Gaúcha frente às novas dinâmicas espaciais e seus reflexos na relação campo-cidade. **Temas & Matizes**, Cascavel, n. 16, p. 65-96, 2009.

CHELOTTI, M. C. **A estância metamorfoseou-se**: (re) configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na Campanha Gaúcha (1990-2007). 2009. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

COSTA, R. H. DA. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**, n. 3, p. 02-23, jan/jun 2010.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul - Censos do RS**: 1803 – 1950. Porto Alegre: Ed. da FEE, 1981.

_____. **Resumo Estatístico**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/index.php>. Acesso em: 05 jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm. Acesso em: 05 jun. 2012.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PRADO, A. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ACEGUÁ. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico**. Disponível em: <www.acegua.rs.gov.br>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ. **Economia e estatística**. Disponível em: <www.bage.rs.gov.br>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOM PEDRITO. **Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária, Indústria e Comércio**. Disponível em: <www.dompedrito.rs.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE HULHA NEGRA. **Economia**. Disponível em: <www.hulhanegra.rs.gov.br>. Acesso em: 16 jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS DO SUL. **Secretaria de Meio Rural e Fomento Econômico**. Disponível em: <www.lavrasdosul.rs.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2013.

RODRIGUES, A. **O latifúndio no Rio Grande do Sul: velhas formas na funcionalidade de novos atores econômicos na Microrregião Geográfica da Campanha Central**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Procurar tabela**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/procurar/default.asp?z=t&o=1&i=P>. Acesso em: 14 maio 2013.

VIEIRA, E. F.; RANGEL, S. S. **Geografia Econômica do Rio Grande do Sul: espacialidade/temporalidade na organização econômica rio-grandense**. Porto Alegre: Sagra, 1993.